



Leitura de *Genética do pecado original* de Christian de Duve Mito e sentido na Ciência

Alain Mouzat

Resumamos a posição de Christian de Duve em biologia. É uma posição materialista: a vida é uma quase-necessidade da matéria, assim como o surgimento e a evolução da vida, o homem, a consciência não passam de acontecimentos bioquímicos.

Os motores da evolução são o metabolismo, a reprodução e a seleção natural: nenhuma necessidade de introduzir uma transcendência qualquer; há, portanto, recusa de todo finalismo, impulso vital, desígnio inteligente. Os genes sozinhos e seus processos de transmissão e de seleção natural dão conta do “ser vivo”. Em resumo, uma posição radicalmente materialista. Isso quanto ao aspecto biológico.

Mais complexa e mais prudente é a posição do autor sobre o “ser vivo”, ou seja, quando ele propõe uma leitura das sociedades sustentada no biologismo e elabora, a partir da teoria da evolução, uma resposta ao futuro do homem.

É preciso aqui, desde logo, abrir um pequeno parêntese para nos perguntarmos o que leva os cientistas pertencentes aos campos de estudos do passado humano e da vida (biólogos, paleontólogos, antropólogos, etnólogos e sociólogos etc.) a se pronunciar sobre o “humano”. Ao que parece, é inevitável o mergulho na causa primeira, ou última, para esses cientistas.

Ciência e sentido

Em seu livro *Itinéraire de l'égarement. Du rôle de la science dans l'absurdité contemporaine* [em tradução livre : *Itinerário para se perder. Do papel da ciência no desbussolamento contemporâneo*] (Le Seuil, 2003), Olivier Rey, um matemático, se interroga sobre o divórcio que constata entre *conhecimento* e *entendimento*. De fato, diz ele, sabemos cada vez mais coisas sobre o mundo, e o entendemos cada vez menos. O pacto de conhecimento fundado pela antiga sabedoria (“*esforça-te por conhecer e entenderás*”) foi quebrado: por só apreender reduzindo, a ciência acaba por levar à dissolução de seu próprio objeto.



A ciência, da qual a exclusão do sujeito torna-se pressuposto, pode descrever fenômenos, explicá-los, mas o “sentido” escapa ao saber.

Buscas de sentido

Assim, assinalemos a enorme quantidade de teorias atualmente presentes no campo de reflexão alimentado por essa “derrelição” (desamparo do homem sem Deus) : o sentido escapa à ciência que tenta elaborar teorias muito pouco científicas para responder a esse vazio.

Alguns se dedicaram a mapear essas teorias. Assim, a revista *Nouvelles Clés*, a partir da revista *What is Enlightenment*, de Carter Phipps e de sua equipe, número do inverno de 2007, propõe doze correntes teóricas:

http://www.nouvellescles.com/rubrique.php?id_rubrique=143

Devemos ressaltar que essa própria fonte não deixa também de ser duvidosa, pois pertence a um movimento mais ou menos esotérico.

- . 1ª teoria: os neo-darwinistas
- . 2ª teoria: os darwinistas progressistas
- . 3ª teoria: os coletivistas
- . 4ª teoria: os teóricos da complexidade
- . 5ª teoria: os direcionalistas
- . 6ª teoria: os transhumanistas
- . 7ª teoria: os teóricos do desígnio inteligente
- . 8ª teoria: os evolucionistas teístas
- . 9ª teoria: os evolucionistas esotéricos
- . 10ª teoria: os filósofos do processo
- . 11ª teoria: os evolucionistas da consciência
- . 12ª teoria: os integralistas



Christian de Duve é colocado entre os “direcionalistas”, ao lado de Hubert Reeves, Anne Dambricourt, Trinh Xuan Thuan, John Stewart, e sua idéia principal é definida do seguinte modo:

A evolução progride na direção de uma cooperação e de uma complexidade cada vez mais amplas e mais profundas – evidência, senão prova formal, de que ela seria, de algum modo, canalizada por uma forma de intenção ou de desígnio. Esses pesquisadores focalizam-se na complexificação cada vez maior do real desde a origem do universo. Essa complexificação indica, para eles, a existência de uma propriedade intrínseca da matéria que, a partir do advento do humano, toma o nome de “consciência”. Os defensores dessa corrente evitam, contudo, adotar uma visão mística e religiosa, à maneira de Teilhard de Chardin (1881-1955), que os inspira, contudo, indiretamente. Sua outra referência maior é Henri Bergson (1859-1941).

O ponto nevrálgico seria efetivamente a articulação do religioso e do materialismo, ponto delicado, mas que aparece constantemente em filigrana na obra de de Duve.

Do mesmo modo, o site

http://www.philanthropos.org/documents/lessons/Module_9.pdf

apresenta de Duve como um “concordista”, a saber: *não haveria incompatibilidade entre teologia e religião, pois Deus seria a totalidade do Real. Posição spinozista, panteísmo; ela leva de Duve a não ver fratura entre as diferentes leituras: isto é o big bang seria a criação, o pecado original seria a inscrição no seio da matéria (nos genes) da seleção natural.*

Fica evidente que não é possível isolar o pensamento de C. de Duve das concepções de Teilhard de Chardin¹.

Teoria científica e mito:

¹ Th De Chardin (1881-1955) foi um jesuíta, geólogo e paleontólogo que construiu toda uma teoria conciliatória da teodicéia cristã e do darwinismo. O surgimento da vida e a evolução do homem na terra são absolutamente biológicos; mas, com o aparecimento do homem surge o “fenômeno humano”, isto é, o aparecimento da consciência, da capacidade do ser humano de se relacionar, de ser solidário. A conexão cada vez maior das consciências leva ao estabelecimento da noosfera que vai se desenvolvendo rumo ao ponto Ômega, ponto de identificação das consciências, numa universalização não homogeneizante: a tofania do Cristo Cósmico.



De Duve não é o único no meio científico a tentar esse uso da ciência para gerar o sentido, tentação que parece conseqüência da ausência de sentido na ciência: confundir teorias científicas e mitos. Em *La Recherche*, n. 296, março 1997, François Jacob, no entanto, avisava: a teoria da evolução é uma teoria científica, não é um mito: ela não pode produzir uma escala de valor, ela diz o que somos, não o que seremos; e Jacob cita o exemplo de Spencer que, aplicando a teoria da evolução à teoria das sociedades, considera que aqueles que são bonitos, inteligentes e ricos são apenas o produto da seleção natural.

Voltemos a De Duve

Um dos grandes problemas que apresenta a leitura que propõe C. de Duve reside na redução das sociedades humanas ao biológico. Parece-nos que os instrumentos de pensamento de C. de Duve em matéria de Humano se alimenta das teorias do início do século XIX. A referência a Malthus – a ameaça de proliferação da espécie e do esgotamento dos recursos, e o *struggle for life*, a luta pela sobrevivência, como o único motor de nossas sociedades – e também a referência a um materialismo positivista.

É verdade que essas posições são reafirmadas no século XX pela etologia, por exemplo (Henri Laborit e *Meu Tio da América*, o filme de Alain Resnais), e continuam vivas sob a forma das neurociências (o homem neuronal de Changeux).

Mas, parece que outras teorias desenvolvidas no século XIX são completamente alheias a de Duve: o marxismo e as análises sociais de Marx, e Freud e o inconsciente: a psicanálise.

A esse título, o lugar dado à linguagem na evolução humana é significativo. De Duve afirma sua extrema importância, mas vê unicamente as modificações anatômicas que ela provoca.

A dimensão do simbólico, no entanto, aparece: a consciência, as conexões epigenéticas e a possibilidade de intervir pela educação nesse destino biológico são, naturalmente, citadas, mas sempre apresentadas ignorando-se a dimensão do “loquente”, a saber, que o homem não está no destino biológico – que ele tem em comum com as outras espécies – mas justamente no fato de ele ser um ser de palavra, constituído na linguagem.



Necessidade de uma transcendência

De Duve vai, assim, recolocar a discussão nos antigos termos do debate entre natureza e cultura, ou da necessidade de fazer intervir uma regulação no estado biológico. Em outras palavras: se formos meramente reduzidos à nossa condição biológica estamos fadados ao fracasso, precisamos de uma transcendência, e não há melhor para fornecer essa transcendência do que a religião e a educação.

Assim, ao lado de uma posição radicalmente materialista, De Duve preconiza o diálogo com a Igreja, ou com as grandes instituições que podem intervir na formação do ser humano.

As respostas descartadas

Retomemos o raciocínio: o motor biológico da evolução, inscrito nos genes – a seleção natural – leva as sociedades humanas à sua destruição. A seleção natural privilegia, efetivamente, os mais adaptados – e, portanto, o homem –, favorece sua dominação graças à sua capacidade de explorar em seu proveito, e o mais imediatamente possível, o meio-ambiente, o que o leva, conseqüentemente, à destruição. Além disso, o sucesso do homem provoca uma proliferação da espécie que corre então o risco – teoria malthusiana – de não encontrar mais os recursos necessários à sua subsistência.

As formas de respostas consideradas:

- não há saída na ciência: não se pode acreditar na ciência para resolver esses problemas; a seleção genética leva a eugenismos, a clonagem coloca problemas de ordem ética: assim, as respostas não podem ser encontradas nesse nível. As escolhas são escolhas morais, “éticas”, diz C. de Duve. Qual seria o Super-Homem que se fabricaria?
- não há saída “natural”: qual seria esse Super-Homem que esperaríamos? Como pensar em outra evolução da inteligência, em uma maior capacidade cerebral que encontraria obstáculos na imaturação do filhote do homem ou na constituição física do canal genital da mulher?
- a única saída é a retomada do debate natureza contra cultura: é preciso reforçar a cultura, entendida aqui como o não-natural, grade de proteção contra a *hybris*, que é o excesso, o transbordamento da pulsão natural da agressividade e da dominação.



Assim, a resposta a esse apocalipse anunciado pela genética – que toma a forma de um destino – se encontra no “livre arbítrio” humano. Utilizo o vocabulário católico, pois é esse que é utilizado por De Duve; esse livre arbítrio se encontra na possibilidade oferecida pelo epigenético; o epigenético sendo a forma de modificação possível da hereditariedade genética, transmitida pelo DNA, pela influência do meio-ambiente, traços igualmente transmissíveis hereditariamente (que Denis Noble expõe em sua conferência na ENS²). Essa tarefa de “retificação” da hereditariedade genética – dominada pelo pecado original da evolução – caberia às instituições mais indicadas: “o homem político” e “a religião”, seriam os melhores meios; assim, entendo bem o diálogo de De Duve e da Igreja Católica: satisfeito com os progressos da Igreja, que soube reconhecer que “a seleção natural é mais que uma hipótese” (João Paulo II, 1996!), ele insiste na necessidade da separação entre ciência e religião: deixemos o saber à ciência e, à religião, o comando das almas: pois a religião pode entender a ciência (a seleção natural é apenas o pecado original, como o *big bang* é a criação???). Não estamos longe de Teilhard de Chardin.

Natureza contra cultura; ou, mais precisamente, cultura contra natureza, o tema é antigo.

Sintetizando num quadro:

<i>Natureza</i>	nossas chances de escapar	<i>Cultura</i>
Necessidade biológica DNA : Maktoub A seleção natural (o pecado) Struggle for life O sucesso da espécie humana A ameaça malthusiana	epigenética (brecha na natureza) A consciência (Não há solução natural nem da ciência)	Contra natura Livre arbítrio Correção do pecado valores opostos: amor, compaixão, compreensão Endireitar as consciências A Igreja

² <http://www.diffusion.ens.fr/index.php?res=conf&idconf=2508>



Duas das respostas levantadas por C. De Duve me parecem merecer alguns comentários mais demorados: a resposta da direção das consciências pela **religião** e o **papel da mulher**:

A religião, a religião de fato traz uma resposta às inquietações do homem. Poderíamos recorrer aos argumentos de Freud, no *Futuro de uma ilusão*, desmontando o processo religioso, Freud mostra que ele é fundado na figura do pai exaltado, na esperança de escapar aos infortúnios do mundo e à morte; esperança mágica de consolo que interioriza uma figura do pai e que faz a religião aparecer como Super-Eu eficaz; nisso, a educação também está incluída. Diz Freud:

“Os dois pontos principais dos programas pedagógicos atuais não consistem em retardar o desenvolvimento sexual da criança e submetê-la desde cedo à influência da religião?” (capítulo IX)

As respostas provenientes de um Super-Eu: escola ou igreja são os melhores meios de deixar o homem “em estado infantil”. Mas, diz Freud: *O homem não pode permanecer eternamente uma criança, deve finalmente aventurar-se no universo hostil. Podemos chamar a isso de “educação face à realidade”; acaso será preciso dizer que meu único propósito, ao escrever esse estudo, consiste em chamar a atenção para a necessidade que se impõe de realizar esse progresso?”* (p. 49).

Mas podemos retomar a solução religiosa em termos de sentido: a religião oferece um sentido, um ponto no futuro na *parousia*, na volta do Cristo, num futuro já predeterminado: ora, essa “solução” já é conflitante com um saber científico, com qualquer materialismo: o presente já determinado por um ponto de saber, no futuro, a partir do qual tudo torna-se significante.

A “Fé” ou para retomar um termo do paganismo grego o “entusiasmo” é sem dúvida um motor do ser humano, essencial para sua sobrevivência, e contrariamente ao Freud positivista, pensamos que a “ilusão” não está fadada a desaparecer: o que já sumiu do nosso presente é a fé num ponto no futuro re-significando nossas vidas presentes (Ver aqui as críticas de Hans Jonas às “utopias” cristã e marxista in *O princípio responsabilidade*)

Outra resposta, a da mulher. O tema foi tratado sob inúmeras formas, na poesia Aragon dizia: “La femme est l’avenir de l’homme”.



C. de Duve apresenta a mulher como alternativa ao homem. Mesmo reconhecendo que podem existir mulheres que apresentem traços suscitados pela seleção natural: combatividade implacável, ausência de compaixão, exaltação do mais forte, etc..., ele cita, a esse respeito, Margareth Thatcher. C. de Duve deposita suas esperanças em uma mulher que tende à suavidade, ao amor do próximo e a todas as chamadas qualidades femininas ou maternas (ele esquece de citar Medéia).

No entanto, se a ascensão de uma reivindicação feminina marca uma evolução social importante, ela não caminha no sentido que de Duve almeja. Vou me basear em um estudo de Alain Tourraine³, sociólogo bem conhecido. Constatando a evolução do papel da mulher na sociedade contemporânea Tourraine comenta:

A demolição da perspectiva é tão completa que não podemos explicá-la em termos psicológicos, como se as mulheres se “libertassem” das imagens que os homens construíram delas.

“[...] Elas formulam esse objetivo com as palavras mais simples: nós, mulheres, somos capazes de fazer várias coisas ao mesmo tempo, o que os homens não sabem fazer, pois seu objetivo é fazer escolhas tão totalizantes quanto possível para transformar o mundo. Fazer várias coisas ao mesmo tempo significa combinar vida pessoal e vida profissional, sexualidade e ação racional e, também, homens e mulheres. Enquanto os homens se voltavam para o mundo para dominá-lo pela ciência, pela guerra e pela indústria [acaso nisso consistiriam as qualidades da seleção natural?], as mulheres se voltam para elas, para se tornarem os sujeitos livres da própria vida. E nós vemos essa nova cultura não apenas se expandir entre as mulheres, mas transformar a vida e a atitude dos homens. Estes ainda têm o dinheiro e o poder, mas as mulheres tomaram a palavra e os homens não têm nenhum discurso a lhes opor.”

E, acrescenta ele:

“Nas entrevistas individuais assim como nas discussões em grupo, as mulheres foram taxativas: ‘Sou uma mulher’, logo acrescentando: ‘E o objetivo principal de minhas vida é o de me construir como mulher.’ A maioria delas acrescentou: ‘E é no campo da sexualidade que conseguirei realizar isso.’”

Parece, então, que a mulher está despontando socialmente, mas rompendo com o modelo, a significação que lhe fora dada (a mulher doce): o “sentido da mulher” não é o

³ Alain Tourraine, *Le monde des femmes* [O mundo das mulheres], Fayard, 2006.



que foi construído pela civilização, nem o de C. de Duve, mas é um sentido, ao contrário, que recusa o sentido já dado: a mulher não quer ser o que lhe foi dado a representar. Ela quer ao contrário construir, fora dos modelos culturais presentes.

E isso passa pela afirmação da sua sexualidade.

Assim, religião e mulher são dois tipos de “soluções” para prover de sentido : um ponto no futuro e um ponto no passado: um numa esperança de valores finais (a vida eterna), outro em valores de “cultura” (a doçura da mulher).

As outras soluções, nem bem evocadas, surgem como uma tentativa de fazer evoluir as posições da Igreja – o que pode ser entendido na perspectiva de um científico católico: a proliferação da espécie deve ser controlada - não pelo celibato e pela recomendação de abstinência: isso provoca perversões, cria pedófilos (ler: o celibato dos padres não é bom). Ao contrário, é preciso reconhecer o exercício da sexualidade não procriadora: controle de natalidade (Ler: deve-se admitir a contracepção, o aborto) e reconhecer igualmente a homossexualidade (não é tão grave, e pode até mesmo produzir artistas).

Em resumo: frente à impossibilidade da ciência de criar sentido, C. De Duve, não resistiu à tentação de transformar a teoria científica em mito: a seleção natural lida à luz da Igreja católica.

Marx e Freud no século XIX tinham, no entanto, assinalado que não somos um povo de formigas, que tem que contar para entender o humano com um elemento a mais, não redutível - a soma do jogo não é nula - há alguma coisa que escapa nessa economia seja ela a da mercadoria, seja ela do humano – e que constitui exatamente o seu motor: a *mais valia*, diz Marx, que Lacan não teve dificuldade, a partir de Freud, a transformar em *objeto a* : o gozo.

A forma do humano se relacionar com o mundo – o pseudópodo da ameba, para retomar a fórmula de Freud – não é a do mexilhão agarrado no rochedo. Não há tampouco esperança numa outra forma superior dita “consciência”, pois essa é atravessada por algo “mais forte do que eu”. A forma do humano de se relacionar com o mundo é, por efeito da linguagem, atravessada por uma hiância chamada desejo : o que a experiência da psicanálise no Genoma poderia mostrar para C. De Duve é que não



precisa de um grande Outro para intervir no destino do ser humano: basta possibilitar a ele reencontrar uma coisa que venha agir para ele não se deixar sujeitar a um *Maktoub* que pode representar a interpretação de um diagnóstico : sua pulsão, seu desejo, o que além da biologia o faz viver, e que na psicanálise se chamou seu gozo – que possibilita ao homem inventar a si mesmo.

Hoje não podemos mais convocar as grandes transcendências “*prêt-à-porter*”, sejam elas no futuro ou no passado, sejam eles Igreja ou sistemas ideológicos, para nos fornecer um sentido estável depositado em algum lugar: ninguém hoje, no mundo ocidental, morreria por uma fé religiosa ou pela revolução.

Se temos um ponto de fuga que possa nos possibilitar articular um sentido, só podemos encontrá-lo em algo em que não poderíamos ceder sem abdicar da nossa humanidade, o que Jorge Forbes chama de “ponto de honra”⁴ do sujeito. Trata-se de uma forma de transcendência, mas de inteira responsabilidade da pessoa, não mais no modelo do “amor do próximo” regulado pelo “amor a si mesmo”, mas pelo modelo do amor aos filhos, irrestritamente responsável e irrecíproco.

Uma transcendência laica.

Um sentido sem garantia, a ser construído.

⁴ Seminário de Jorge Forbes, 2003, Vergonha, honra e luxo: *Honra – Há mortes e mortes, ao menos duas: a biológica e a pela honra. Uma é sofrida e comum, outra, merecida e singular. Esses tempos de gozo explícito acabaram com a honra, transformando a vida em pura sobrevivência insossa. As conseqüências não tardaram: violência despropositada, toxicomanias, fracasso escolar, euforia depressiva, pânico. Se uma análise for capaz de atingir o ponto de vergonha íntima do analisando, em conseqüência acordará a honra que o explica e o luxo que o recobre.* <http://www.jorgeforbes.com.br/br/contents.asp?s=12&i=7>